

Confrades de cor: o apoio no morrer e a formação das famílias "fictícias" nas irmandades negras do Rio de Janeiro Setecentista

Carla Magdenier Sobrino

A complexidade cultural dos povos nos leva a pesquisar ritos, práticas, hábitos etc, que possam identificá-los e, conseqüentemente, esclarecer melhor o cotidiano destas sociedades. Neste âmbito, foi fundamental para nós, historiadores, o diálogo de nossa ciência com a Antropologia, a Sociologia, a Psicologia e outras. Com isso, entendemos que a interdisciplinaridade ampliou os horizontes do pesquisador-historiador e o fez analisar suas fontes com maior profundidade, não procurando uma verdade definitiva, mas informações e dados que lhe possibilitassem interpretar a dinâmica histórica dos povos (BURKE, 1997 e 2005; BLOCH, 2001). Em nossa pesquisa, nos deparamos com diversas etnias africanas. Identificar e interpretar seus hábitos, costumes e crenças não foi uma tarefa das mais fáceis. Quando estas pessoas foram arrancadas do seu continente de origem, desvinculadas de suas famílias e de suas funções nas comunidades pelas ações do tráfico negreiro, nós poderíamos pensar que muitas delas, senão todas, foram sujeitas a se submeterem de forma passiva ao poder do colonizador e obrigadas a aceitar a sua cultura. Entretanto, como veremos mais adiante neste trabalho, existiram diversas formas de resistência e meios de se contrapor ao sistema escravagista.

Igualmente, poderíamos mencionar que um dos instrumentos para a eficácia da colonização portuguesa foi a suposta submissão dos cativos à fé católica, o que levou muitos dos estudiosos a pensar o catolicismo como ferramenta para a aculturação destes povos. Embora o catolicismo tenha sido utilizado com o intuito de “salvar” almas consideradas perdidas, apaziguando a rebeldia dos escravos e controlando socialmente os libertos, estas pessoas encontraram em seu cerne formas de expressar códigos culturais que remetessem a um passado africano (REIS, 1991; RODRIGUES, 1997). Com isso, nos questionamos como diversas etnias, algumas rivais entre si, encontraram na religião oficial da Coroa uma das formas de resistência cultural e a construção de novas identidades étnicas. Outras perguntas que nós nos fazemos diante de nossas fontes são as seguintes: como ocorreu a cristianização dos povos africanos? O catolicismo exercido por eles era dissimulado? Poderia o catolicismo na América portuguesa abrigar traços das antigas crenças africanas?

A partir dessas e de outras perguntas, nós pesquisamos as práticas religiosas de alguns povos na África e, também, analisamos aspectos da vida religiosa no Brasil colonial. Com relação ao catolicismo na América portuguesa, nos atentamos às chamadas irmandades religiosas, associações corporativas de auxílio mútuo e de devoção aos santos da Igreja (BOSCHI, 1986; CHAHON, 2008). Focamo-nos especificamente nas confrarias negras que permitiram uma determinada autonomia aos grupos de africanos e afrodescendentes, resistências culturais e preservação de identidades étnico-culturais. Em meio a análises críticas-reflexivas de seus estatutos, nos deparamos com uma parte em especial que nos chamou a atenção: as determinações destas confrarias para com os últimos sacramentos, vestimentas, cortejos e



missas pelas almas dos seus irmãos falecidos. Estas análises nos levaram a pesquisar sobre como a morte e as atitudes perante ela eram vistas não só pelos cristãos, mas especialmente pelos povos africanos que vieram para a colônia. Percebemos que o medo de uma morte repentina poderia levar estas pessoas a se filiarem a um destes sodalícios e, assim, a se prepararem melhor para a vida postmortem (ARIÉS, 1989; FARIA, 2000). Ademais, acreditava-se que as almas poderiam sofrer penas eternas no Inferno ou transitoriamente no Purgatório até o dia do juízo final (LE GOFF, 1981). Na verdade, enquanto pesquisávamos sobre o assunto percebemos que havia um misto de dor e de alegria nos cortejos fúnebres dos confrades africanos e, mais uma vez, nos questionamos o porquê de tal atitude.

Diante de tantos questionamentos e com o intuito de melhor conhecer estas ações, centralizamos a nossa pesquisa na cidade do Rio de Janeiro que, como veremos, tornou-se uma cidade negra com a entrada maciça de africanos desde o século XVII. O recorte temporal acompanha o dos documentos, em sua maioria do século XVIII. Além disso, não ignoramos os relatos sobre os cortejos fúnebres por viajantes estrangeiros que estiveram na cidade em meados dos oitocentos, dado que os costumes mortuários pouco se modificaram de um século a outro. Assim, atentamos-nos ao movimento histórico destas confrarias e às práticas fúnebres que elas proporcionaram aos seus membros. Encontramos atos de exteriorização da fé católica e diversos elementos de africanidade. Elementos estes criticados pelas autoridades e até mesmo pelos próprios africanos. Porém, as críticas por estes últimos não podem ser interpretadas como uma negação de sua cultura, mas de uma cultura. Os costumes do “outro” causaram estranhamento, ainda mais se este “outro” fizesse parte de um grupo étnico rival. Neste ínterim, antigas rivalidades seriam estimuladas na América Portuguesa com o objetivo de dividir estas “nações” étnicas para melhor controlá-las. No entanto, elas reagem e agem sobre o sistema lutando pela preservação de suas identidades.

Com o intuito de solucionarmos as questões propostas, dividimos este trabalho em três capítulos: no primeiro capítulo, iremos estudar a cristianização da África e a vida religiosa no Brasil colonial em seus principais aspectos. No segundo capítulo, iremos nos ater às discussões historiográficas sobre as irmandades negras, ao medo da morte e às práticas fúnebres. No terceiro e último capítulo, iremos analisar os estatutos, os chamados compromissos destas irmandades negras cariocas no tocante a alianças e exclusões étnicas, e suas determinações sobre os ritos fúnebres. Além disso, averiguaremos as transcrições de Jean-Baptiste Debret, John Luccock e Daniel Kidder sobre enterramentos e cortejos fúnebres africanos. Esperamos, com isso, conhecer um pouco melhor estes grupos étnicos do Rio de Janeiro do final do século XVIII e início do XIX, ou seja, suas lutas, crenças, costumes e as redes de solidariedade e sociabilidade que conseguiram tecer ao longo de décadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:



Compromissos:

ANTT - Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Chancelaria da Ordem de Cristo. Livro 291 - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora de Lampadosa, 1767.

AHU/CU - Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Códice 1300 - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, 1788. AHU/CU - Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. Códice 1950 - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, 1760.

BNRJ - Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro - BN/MA, 9, 3, 11. Estatutos da Congregação dos Pretos Minas Maki no Rio de Janeiro, 1786.

MUSEU DO NEGRO - Compromisso da Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia, Rio de Janeiro, 1767.

Fontes na Internet:

LABHOI/UFF - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora da Lampadosa, 1767. Disponível em:<

<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/NOSSA%20SENHORA%20DA%20LAMPADOSA.pdf>

>. Acesso em 07/05/2014.

LABHOI/UFF - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, 1760. Disponível em:<

<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/NOSSA%20SENHORA%20DO%20ROS%C3%81RIO%20E%20S%C3%83O%20BENEDITO.pdf>>. Acesso em 07/05/2014

LABHOI/UFF - Compromisso da Irmandade de Nossa Senhora dos Remédios, 1788. Disponível em:<

<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/NOSSA%20SENHORA%20DOS%20REM%C3%89DIOS.pdf>>. Acesso em 07/05/2014.

LABHOI/UFF - Compromisso da Irmandade de Santo Elesbão e Santa Efigênia, Rio de Janeiro, 1767. Disponível em:<

<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/SANTO%20ELESB%C3%83O%20E%20SANTA%20EFIG%C3%84NIA%20-%201740.pdf>>. Acesso em 07/05/2014.

LABHOI/UFF - Estatutos da Congregação dos Pretos Minas Maki no Rio de Janeiro, 1786. Disponível em:<

<http://www.uff.br/curias/sites/default/files/CONGREGA%C3%87%C3%83O%20DOS%20PRETOS%20MINAS%20MAKI.pdf>>. Acesso em: 27/05/2014.

Outras fontes:

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 2ª Edição. São Paulo: Paulus, 2002.

CASTRO, Estevam de. Breve aparelho e modo fácil para ajudar a bem morrer um cristão, com a recopilção da matéria de tratamentos, e penitência, várias orações devotas, tiradas da



Escritura Sagrada, e do Ritual Romano de N. S. P. Paulo V, acrescentada da devoção de várias missas. Lisboa: Oficina Miguel Menescal, 1677. Disponível em:< <http://purl.pt/17290>>. Acesso em: 17 fev, 2014.

DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1989.

IHGB – Instituto Histórico e Geográfico do Brasil – Breve instrução nos Mistérios da Fé, acomodada ao modo de falar dos escravos do Brasil, para serem catequizados por ela. Rio de Janeiro, 1720.

KIDDER, Daniel P. Reminiscências de viagens e permanências nas Províncias do Sul do Brasil. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1980.

LUCCOCK, John. Notas sobre o Rio de Janeiro. Belo Horizonte/ São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1982.

SOUZA, Francisco. Regra ou Estatutos por modo de um diálogo onde se dá notícia das caridades e sufragações das almas que usam os pretos minas com seus nacionais no Estado do Brasil especialmente no Rio de Janeiro, por onde se hão de regerem e governarem fora de todo o abuso gentílico e supersticioso, composto por Francisco Alves de Souza, preto e natural do Reino de Makin, um dos mais excelentes e potentados daquela oriunda Costa da Mina.(S.l.: s.n, 18--?). Seção de Manuscritos, Códice 9, 3, 11. (Biblioteca Nacional – Brasil).

VIDE, Sebastião Monteiro da. Constituições primeiras do arcebispado da Bahia, feitas, e ordenadas pelo ilustríssimo e reverendíssimo senhor Sebastião Monteiro da Vide, arcebispo do dito arcebispado, e do Conselho de Sua Majestade, propostas e aceitas no sínodo diocesano, que o dito senhor celebrou em 12 de junho de 1707. Disponível em:< <http://www2.senado.gov.br/bdsf/item/id/222291>>, Acesso em: 11 jun, 2013

Livros, teses e artigos:

ABREU, Martha. O Império do Divino. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830-1900. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.

ARIÉS, Phillippe. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

AZEVEDO, Antonio. Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos. 3. ed. ampl. e atualizada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BORGES, Célia Maia. Escravos e libertos nas Irmandades do Rosário. Devoção e solidariedade em Minas Gerais – Séculos XVIII e XIX. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2005.

BOSCHI, Caio César. Os leigos e o poder. São Paulo: Ática, 1986.

BURKE, Peter. Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.



_____. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas sobre os rituais da morte na sociedade escravista. In: Revista do Departamento de História da FAFICH/UFMG VI (1988), pp. 109-122.

_____. A terceira devoção dos setecentos mineiro: o culto a São Miguel e Almas. Tese de Doutorado. São Paulo, USP, 1994.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CASTRO, Hebe. Das Cores do Silêncio. Os significados da liberdade no Sudeste Escravista – Brasil – século XIX. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

CHAHON, Sergio. “Irmandades”. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, pp. 316-317.

_____. Os Convidados para Ceia do Senhor: As Missas e a Vivência Leiga do Catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e Arredores (1750-1820). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHARTIER, Roger. Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, pp. 179-192.

_____. História hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos Históricos, vol. 7, n. 13, 1994.

DELUMEAU, Jean. Le péche et la peur. La culpabilisation em Occidente XIII-XVIII siècles. Paris: Fayard, 1983. FARIA, Sheila de Castro. “Escravidão”. In: VAINFAS, Ronaldo. (dir.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, pp.205-209.

_____. A colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

_____. “Morte”. In: VAINFAS, Ronaldo (dir.). Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2000, pp. 410-412.

_____. A morte de livres e escravos em registros católicos – séculos XVIII e XIX. In: População e família: Revista do CEDHAL. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, n. 3, 2000.

FLORENTINO, Manolo. Em costas negras: uma história do tráfico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 49. ed. São Paulo: Global, 2004.



GRUZINSKI, Serge. O pensamento mestiço. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

GUINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HOORNAERT, Eduardo. A Igreja Católica no Brasil Colonial. In: BETHELL, Leslie. (Org.). História da América Latina: América Latina Colonial. 2. ed. 2. reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008, v.1, pp. 553-568.